

Tempo - 29-12-83

CIMEIRA MACHEL / P. BOTHA

Maputo e Pretória procuram "modus vivendi"

Silva Ramalho - correspondente

JOANESBURGO (TEMPO) — Inicia-se 1984 com uma perspectiva a que, por uma razão ou outra, ninguém poderá ficar indiferente: um encontro entre os dois líderes máximos de Moçambique e da África do Sul na busca de paz, concórdia e progresso.

Três etapas cruciais abriram caminho para uma reunião entre o presidente Samora Machel e o primeiro-ministro da África do Sul, P. W. Botha, dois «homens fortes» que, exactamente por o serem, poderão chegar a um acordo que ambos desejam e precisam.

Foi há cerca de um ano que se venceu a primeira barreira com as reuniões em Komatipoort, na fronteira comum, entre os ministros dos Negócios Estrangeiros dos dois países, Pik Botha e Joaquim Chissano.

Seguiu-se a visita de Estado do presidente moçambicano a Portugal com os resultados espectaculares assaz conhecidos! Aí surgiu, ou por iniciativa de Samora Machel ou por sugestão dos governantes portugueses, a hipótese de um encontro entre os homens que presidem aos destinos de Moçambique e da África do Sul.

Foi no fim-de-semana de 11 de Dezembro que a Imprensa da África do Sul dessecou essa eventualidade em editoriais que, independentemente da cor política de cada um, se considerava o encontro como um passo decisivo para a solução dos explosivos problemas que agitam a região.

Mas o cúmulo da expectativa foi atingido em 20 de Dezembro, quando Samora Machel anunciou durante a cimeira dos «cinco», em Bissau, que delegações ministeriais de Moçambique e da África do Sul estavam, nesse preciso momento, reunidas no reino da Suazilândia.

SEGURANÇA, ECONOMIA E PAZ

O presidente moçambicano definiu as conversações como «essenciais para se encontrar um **modus vivendi** na África Austral», e enumerou as questões em debate como sendo relativas à «segurança, economia e paz na região».

No público da África do Sul ficou a impressão nítida que, embora os gravíssimos problemas económicos de Moçambique tivessem sido focados, o ponto de partida para o futuro teria sido a questão da segurança mútua.

Contribuiu para essa conclusão o perfil dos participantes. Do lado sul-africano, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Pik Botha, o ministro da Defesa, general Magnus Malan, e o ministro da Lei e Ordem, Le Grange. Pela parte de Moçambique, três figuras de proa do Executivo desde sempre ligadas a questões de segurança: Jacinto Veloso, Sér-



gio Vieira e Óscar Monteiro.

Atribuiu-se ao presidente Machel, no modo muito **sui generis** que lhe é conhecido, a esperança de que a reunião levasse a um pacto de não agressão segundo o qual «ninguém ataca ninguém».

É evidente que ele se referia às queixas mútuas de ataques aos respectivos territórios. Enquanto Moçambique insiste que a guerra de guerrilhas que a Resistência Nacional Moçambicana faz ao seu regime é patrocinada pela África do Sul, Pretória acusa Maputo de apoiar o ANC, que pratica actos de terrorismo urbano contra a África do Sul ao estilo do IRA irlandês.

«Ninguém ataca ninguém» seria o ponto de partida para uma colaboração frutuosa em que Portugal teria um papel relevante a desempenhar. A contribuição portuguesa tem sido, aliás, reconhecida e louvada por ambas as partes que muito dela esperam.

A impressão geral é de que



pode começar-se, desde já, a trabalhar para a paz e desenvolvimento regional da África Austral, na base dos contactos que estão a intensificar-se entre os dirigentes moçambicanos e sul-africanos.

A situação de Angola e da Namíbia, agora em ponto quente, não se espera que influa nestes esforços. Vendo as coisas calmamente, trata-se dos «jogos de guerra» próprios desta época do ano, quando a SWAPO tenta infiltrar reforços na Namíbia e os sul-africanos se esforçam para os empurrar o mais possível para Norte da fronteira.

Começa, pois, o ano de 1984 com sinais de bom agouro. Ao fim de quase dez anos de turbulência, nota-se um amadurecimento de atitudes, tanto em Moçambique como na África do Sul, que promete a criação das condições necessárias ao **modus vivendi** a que Samora Machel se referiu em Bissau.